

O AMOR IRREALIZÁVEL EM "JOSÉ MATIAS"

CONSUELO M. LOUREIRO

(Professora do Departamento de Espanhol e Português
Miami University, Oxford, Ohio)

R E S U M O

A opinião crítica concorda em falar do conceito negativo do amor que Eça de Queiroz revela nas suas obras de ficção. O juízo, porém, é Inexacto com respeito aos contos, onde, ao contrário de desacreditar o amor, Eça condena a incapacidade do homem de amar completamente, alma e corpo. É sobretudo no conto "José Matias" que ele trata com maior complexidade e originalidade da polarização dos aspectos físico e espiritual no homem e das conseqüências do desequilíbrio resultante. Para expressar essa dicotomia, Eça elabora uma versão moderna de amor cortês, utilizando todos os elementos principais da tradição medieval ao narrar o caso singular de um homem que foge da posse física da mulher amada. O conto, porém, contém um significado mais sério. Através do ambiente romântico e aparentemente idealista criado pela adaptação do mito provençal e das explicações subjetivas e contraditórias do narrador, "José Matias" expõe uma profunda aberração psicológica. Sem dever nada a Sigmund Freud, que só uma década depois do aparecimento do conto português publicará sobre o mesmo assunto. Eça consegue revelar com aguda percepção e exactidão os diversos aspectos recônditos de uma impotência psíquica que atormenta e finalmente destrói o seu herói.

* * *

Tem-se escrito muito com respeito à visão pessimista do amor expressa por Eça de Queiroz nas suas obras de ficção. Segundo Túlio Ramires Ferro, o amor nas obras de Eça causa perturbação social e conduz à degeneração. (1) João Gaspar Simões opina que o amor em Eça é criminal, con-

(1) Ferro, Túlio Ramires, "O Conceito de Civilização nos 'Contos' de Eça de Queiroz", Estrada Larga, I. Porto, Porto Editora, s.d. p. 484.
denatório ou impossível e que Eça manifesta uma "estranha apreensão quanto à legitimidade do amor sexual". (2) A interpretação mais negativa,

(2) Simões, João Gaspar, Eça de Queiroz: o Homem e o Artista. Lisboa/Rio de Janeiro, Dois Mundos, 1945, p. 531.
porém, é dada por António Coimbra Martins, que atribui a Eça um conceito salubre e destrutivo do amor:

Para o romancista, em resumo, o verdadeiro apelo do amor é degradante. Um obstáculo de natureza social, religiosa ou mesmo material afasta-nos do fruto proibido e baixamento convidativo. Outros, mais ou menos disfarçados, vão colher o fruto às escondidas... mas o verdadeiro resultado do amor são traições, mortes, incestos, heranças perdidas... Toda a obra de Eça o diz: o amor é o pecado original. (3)

(3) Martins, António Coimbra. "Eça e Eça", Bulletin des Études Portugaises. Lisbon, Nouvelle Série No. 5, Vol. XXVIII-XXXX, 1967, 324.

Para Coimbra Martins os contos são igualmente representativos dessa atitude acrimoniosa, com a excepção de "O Defunto" que ele considera a única composição em toda a obra fictícia de Eça onde o amor se salva.

O juízo, porém, é inexacto, pelo menos com respeito aos contos. Nos contos, Eça não desacredita o amor; o que condena é a incapacidade do home de aceitar o amor como compromisso total de todo seu ser, físico e espiritual. É verdade que em alguns dos contos o amor conduz à infelicidade ou à degradação, mas unicamente porque a emoção que sentem os personagens é incompleta. Carece do equilíbrio sadio que provém do desenvolvimento simultâneo das duas facetas da natureza humana — o espírito e a matéria. Já nas *Prosas Bárbaras* Eça se refere à divisão de alma e corpo. Mais tarde, em contos como "No Moinho", "Um Poeta Lírico" e "As Singularidades duma Rapariga Loira" ele elabora temas de amores frustrados e relações falhadas por lhes faltarem um dos dois elementos vitais. O conto mais interessante, porém, em que Eça trata da polarização completa dos duplos aspectos hu-

manos e das conseqüências do desequilíbrio resultante é "José Matias", sem dúvida uma das obras mais complexas e mais originais de Eça.

"José Matias", inicialmente publicado em 1897, três anos antes da morte de Eça de Queiroz, relata o caso intrigante de um homem que, durante vinte anos, se prostra espiritualmente diante da mulher amada, consagrando a vida à sua paixão, mas recusando implacavelmente a posse física do objecto de tanta devoção. Por duas vezes a divina Elisa se encontra viúva e pronta a premiar o admirador dedicado, e por duas vezes José Matias foge dela, regressando só depois de ela voltar a ser esposa ou amante de outro homem.

A narração, escrita na primeira pessoa, apresenta a perspectiva de um antigo condiscípulo universitário de José Matias. A ponto de sair para o funeral de José Matias, o narrador encontra um amigo a quem convence de acompanhar o cortejo ao cemitério. Enquanto a procissão avança, o narrador fala com seu companheiro. Não se trata tanto de um diálogo como de um monólogo dramático. Só se ouve a voz do narrador. O companheiro permanece invisível e silencioso durante todo o conto, embora se dê a compreender que ele também toma parte na conversa. O narrador freqüentemente comenta sobre as aparentes observações e reações do amigo. Como resultado desta técnica, o leitor transcende o seu papel passivo e parece participar directamente na história que está a ouvir, como se tomasse o lugar do companheiro. Cal assim mais directamente sob a influência do narrador, cuja distinta personalidade estabelece o ambiente especial da narrativa e determina a atitude que a história vai inspirar. É o narrador também que interpreta os acontecimentos e os personagens do conto. Ele define José Matias como "um doente, ...atacado de hiperespiritualismo ... um ultra-romântico" que só aceita um amor espiritual porque reconhece a relação incompatível que existe entre os sonhos e a vida, entre a imagem ideal do amor e o desengano que encerra a realização do amor.

Para expressar esta dicotomia em "José Matias", Eça ressuscita um dos mitos capitais da literatura ocidental, de origem na poesia provençal do século XII. Essencialmente, ele escreve uma versão moderna de amor cortês. Todos os elementos principais que denotam o carácter especial do amor cortês aparecem neste conto escrito, aliás, na época em que prevaleciam os conceitos intelectuais contrários do naturalismo e do positivismo.

A primeira regra na prática de amor cortês era obediência à sua lei por cima das outras, incluindo a promessa matrimonial e a lealdade feudal. O amante assumia a posição subserviente de vassalo e prometia homenagem eterna a sua dama. Assim procede José Matias desde o momento em que avista Elisa e sente um amor que é "forte, profundo, absoluto, submisso e sublimado". Por todo o resto da sua vida ele dedica-se total e exclusivamente à sua paixão. Mesmo quando não vê a mulher amada, José Matias sente sua

presença espiritual. Ceia só, mas com velas e flores na mesa, escutando a voz da invisível Elisa. Adorna quarto, carruagens e camarote na ópera com luxo digno da companheira ausente. Todas as acções que revelam outro aspecto de amor cortês — a importância da ausência no desenvolvimento do amor cortês é, essencialmente, amor de nostalgia que vive do próprio poder entusiasta e nem precisa conhecer a amada. O único contacto pessoal entre José Matias e Elisa acontece durante os primeiros dez anos da sua relação, quando se encontram no jantar dos domingos na casa da tia de José Matias. O resto do tempo vivem separados pelo muro que divide suas casas vizinhas — uma convenção que já existe no século XIII como símbolo do amor impedido. A distância é essencial para que o amor possa atingir a mais alta espiritualidade sem a ameaça devastadora de realização. José Matias ama Elisa de um amor que se não desilude nem se farta, porque permanece “suspenso, imaterial, insatisfeito”.

Segundo Denis de Rougemont, o amor passional na Europa surgiu como reacção à doutrina matrimonial do Cristianismo. O casamento representava uma transacção meramente material por meio da qual um nobre adquiria a riqueza da mulher e a mulher conseguia segurança e protecção. Era um contracto que só implicava uma união física. No conto de Eça, todas as referências ao matrimônio compreendem uma associação física ou procriadora. Torres Nogueira, segundo marido de Elisa, aparece como simples possuidor carnal, um “bruto”. Falando da recompensa que José Matias vai receber depois da morte do Matos Miranda, o primeiro marido de Elisa, o narrador antecipa “um ano de luto, e depois muita felicidade e muitos filhos...” Mas José Matias recusa as materialidades do casamento, “as chinelas, a pele pouco fresca ao acordar, um ventre enorme durante seis mess, os meninos berrando no berço molhado”. Em resumo, o matrimônio representa uma relação material, física, totalmente incompatível com os ideais do amor puro, do amor espiritual que não se realiza. No amor cortês, portanto, é preciso evitar a consumação do amor e por isso tem que existir alguma obstrução. Paradoxalmente, apesar do menosprezo com que é visto, o estado matrimonial da amada funciona como o obstáculo mais eficaz. Casada, Elisa é inacessível e, por conseguinte, é o objeto perfeito do amor cortês. Quando cai a barreira protectora encarnada por Matos Miranda, José Matias fica sem defesa. Imediatamente abandona sua posição vulnerável e só regressa quando Elisa, repudiada por ele, casa com Torres Nogueira e restaura o impedimento indispensável. Então José Matias pode recomeçar a adorar a Mulher Ideal livre do perigo de possessão.

Em realidade, o verdadeiro objetivo do amor cortês não era a mulher como ser humano mas como ente ideal, símbolo do concelho da perfeição mais pura. Visto que tal sublimação da mulher incitava um amor contrário ao

casamento, a partir do século XII a Igreja lutou contra essa ameaça, tentando desviar a corrente para um canal mais aceitável — para a adoração da Virgem Maria. A diversão triunfou, em parte porque a poesia lírica já então expressava o sentimento religioso da época, empregando a retórica devocional. Os objectos profanos eram idealizados em termos religiosos, com a palavra “adorar” no lugar de metáfora predominante e sinónimo de “amar”. A atitude de José Matias para com Elisa é descrita sempre em termos devocionais, e ela é constantemente associada com a Virgem sublimada”. Usa-se a mesma figura para descrever a reacção de José Matias quando Elisa se casa com Torres Nogueira.

O sentimento deste extraordinário Matias era o de um monge, prostrado ante uma imagem da Virgem em transcendente enlevo — quando de repente um bestial sacrílego trepa ao altar, e ergue obscenamente a túnica da Imagem. (4)

(4) Eça de Queiroz, José Maria. *Contos*. Porto, Lello & Irmão, s.d. p. 245.

A angústia de José Matias a partir das segundas núpcias de Elisa é mais outro exemplo do mito, visto o sofrimento constituir uma parte capital do ritual do amor cortês. Para alcançar plena consciência de si mesmo, o amor-paixão tinha que incluir padecimento, ainda mais talvez do que êxtase. É a experiência paradoxal da doença que deleita, da “ferida que dói e não se sente” de Camões e Petrarca. Segundo de Rougemont, Tristão, o paradigma do amante cortês, não ama Isolde mas o amor mesmo, e para além do amor, ama a morte. Isolde é só um pretexto. O instinto de morte é transfigurado pelo mito que lhe confere um fim espiritual. Destruir-se, desprezar a felicidade é o caminho para a salvação e para alcançar uma vida superior. Portanto, o amor cortês tem que seguir o rumo do padecimento para atingir sua verdadeira meta — a morte. José Matias, de facto, renuncia toda a possibilidade de felicidade mundana e, finalmente, a própria vida. Não se destrói dum maneira rápida ou dramática, mas por um processo lento de degeneração. Ele próprio levanta os obstáculos contra seu amor e rejeita a vida. No final, fica apenas a morte para oferecer à sua paixão como acto de preito.

Jacinto do Prado Coelho afirma que no fim do conto Eça “exalta liricamente o idealismo amoroso, depois de o ter aviltado com diabólica serenidade”. (5) É verdade que a última imagem que permanece na mente do

(5) Coelho, Jacinto Prado. “As Idéias e as Formas”, *Ocidente*, maio, Vol. XXVIII, 1946, No. 95, 185.

leitor é a do amante carnal de Elisa colocando um ramo de violetas na cova do amante espiritual — a matéria prestando a homenagem final ao espiri-

to. Mas também lembramos a última impressão que é dada de Matias — magro, alcoólico, esfarrapado, subrepticiamente a manter sua vigília nocturna frente a casa de Elisa, enquanto o Apontador de Obras Públicas faz sua visita diária “enfiando regaladamente o portão, bem vestido, bem calçado, de luvas claras, com aparência de ser infinitamente mais ditoso naquelas obras particulares do que nas Públicas”. Finalmente, pois, é a relação ilegítima e física que goza um contentamento sereno. O amante espiritual, ao contrário, leva uma existência sórdida e clandestina e sofre uma morte degradante.

E óbvio que o tom do conto é ambivalente, como se Eça não estivesse certo de sua própria atitude para com José Matias. Existem várias ambigüidades que não são resolvidas, apesar de que o narrador dá a impressão de que a história de José Matias, embora singular, fica completamente esclarecida por ele. É uma impressão errônea. O primeiro enigma que devemos salientar diz respeito à perspectiva empregada por Eça. Falta completamente o ingrediente capital de revelação confidencial principalmente porque o narrador não é amigo íntimo de José Matias. Suas explicações representam geralmente interpretações subjectivas de um homem cuja vaidade o obriga a julgar-se sabedor de tudo, mesmo do que realmente não compreende. Cada vez que José Matias faz alguma coisa inesperada, o narrador fabrica uma nova teoria que ele então considera a única, a perfeita explicação lógica do caso. A verdade, porém, é que ele nunca compreende José Matias. Quando José Matias recusa casar-se com Elisa depois da morte de Matos Miranda, o narrador confessa, com rara honestidade, sua confusão total e sua inabilidade de encontrar uma explicação psicologicamente válida. Em breve, porém, vence sua perplexidade e declara que o acto de José Matias é devido a um excesso de espiritualismo e ao receio das materialidades do casamento e das realidades fortes da vida. Quando, depois do casamento de Elisa e Torres Nogueira, Matias não consegue recobrar a sublime felicidade dos primeiros dez anos de sua paixão, o narrador não vacila em explicar a razão: José Matias vê na mocidade, força e paixão física de Torres Nogueira uma ameaça contra seu ideal espiritual, em contraste com Matos Miranda, figura velha e doente e portanto sem força varonil.

Se é verdade, porém, que Torres Nogueira é um distúrbio porque introduz um elemento erótico na abstracção espiritual que Elisa representa para José Matias, então a situação com o Apontador de Obras Públicas deveria produzir um trauma muito pior. Não obstante, sucede tudo ao contrário. Em vez de hostilidade, José Matias só parece sentir curiosidade e simpatia. De novo, o narrador está pronto com sua explicação:

Os dois anteriores, o Miranda e o Nogueira, tinham entrado na alcova de Elisa publicamente, pela porta da igreja, e para outros fins humanos além do amor — para possuir um lar, talvez filhos, estabilidade e quietação na vida. Mas este era meramente o amante, que ele nomeara e mantinha só para ser amada: e nessa união não aparecia outro motivo racional senão que os dois corpos se unissem. (256)

Primeiro o narrador estabelece uma distinção entre os dois maridos, usando como base o poder físico de cada um: Matos Miranda é velho, doente e fraco; Torres Nogueira é o epitome de juventude e força bruta. Agora, porém, aparecem aliados em oposição ao Apontador, que assume um papel puramente sexual. Anteriormente, o sofrimento de José Matias fora atribuído à intromissão do factor sexual. Agora, numa inversão total, o narrador decide que José Matias aceita gostosamente a nova situação porque quer que o corpo de Elisa seja tão bem servido como sua alma. São contradições que provam a confusão do narrador com respeito ao carácter e à conduta de José Matias. Não o compreende, mas para não desmentir a imensa estima que tem de si mesmo como pensador altamente racional e lógico, vê-se obrigado a fingir uma certeza que em realidade está bem longe de sentir.

Então, porque é que Eça o escolhe como narrador? Porque, por exemplo, não escreveu como autor onisciente ou usando o ponto de vista de Nicolau da Barca, amigo íntimo de José Matias e portanto possuidor de um conhecimento mais profundo do protagonista? Só podemos concluir que Eça não quis oferecer uma revelação mais penetrante do seu protagonista, e que o narrador serve, em parte, para afastar o leitor de José Matias e, talvez, o autor mesmo de sua criação literária. De facto, a viva personalidade do narrador funciona freqüentemente como distração, desviando a atenção do leitor de maneira que examine menos cuidadosamente as acções de José Matias e aceite como certas as conclusões do narrador. Em realidade, porém, essas conclusões contêm contradicções que não são resolvidas e provocam perguntas que precisam ser esclarecidas se o conto vai ceder todas as riquezas de sua temática complexa.

Na sua teoria da evolução psicológica das emoções do amor, Sigmund Freud afirma que o instinto do amor é o resultado de um desenvolvimento gradual que tem origem na infância. Essa evolução começa quando a criança se dá conta de que existe um mundo alheio, de outros seres, e focaliza seu carinho sobre a mãe. E, porque a mãe ama o pai, este se torna não só num ideal que deve ser imitado, como também num rival que inspira ciúmes e hostilidade. Estas atitudes mudam devido à educação e à bar-

reiras impostas pela sociedade, e, gradualmente, o objecto original de amor é substituído pela irmã e depois por outras mulheres parecidas com a mãe e com a irmã. Com a transferência do afecto a evolução normal fica completa. Quando, porém, algum estorvo interrompe esta progressão natural, o resultado é uma desordem erótica que emerge mais tarde, na pessoa já adulta, como no caso de José Matias, que ilustra manifestações neuróticas características de impotência psíquica. Esta condição anormal é definida por Freud como a dissociação das duas correntes da emoção erótica — a ternura e a sexualidade. O homem, que oculta na subconsciência um amor incestuoso e portanto proibido, não pode ter uma relação completa com nenhuma mulher digna de respeito porque com esse tipo de mulher só é capaz de expressar sentimentos de ternura. A relação fica eroticamente ineficaz, sem o estímulo sexual que o completaria.

Não é preciso salientar as manifestações de semelhante desligação no amor de José Matias por Elisa. Já citamos diversos exemplos ao discutir o tema do amor cortês. O amor de José Matias é "pura adoração", "transcendentalmente dematerializado". Para o narrador, o amor platónico de Matias prova que ele é "desvairadamente espiritualista". Para Freud, seria uma manifestação da resposta emocional restrita que Elisa inspira nele devido a sua neurose. Como ela é uma substituta pelo objeto de amor incestuoso reprimido, a satisfação sexual é impossível. Puxado por um amor puro e um amor carnal, José Matias tem que procurar um objeto sexual menos estimável para satisfazer os impulsos sensuais que não pode expressar com a mulher amada. Durante o casamento de Elisa e Torres Nogueira, José Matias leva uma vida dissoluta, não só porque é uma maneira de fugir, mas porque assim afirma sua natureza física. Num acto culminante de abandono, ele aparece numa cena curiosa, à frente de um grupo de mulheres com quem não sente nenhuma inibição erótica:

Uma ceia oferecida a trinta ou quarenta mulheres das mais torpes e das mais sujas, apanhadas pelas negras velas do Bairro Alto e da Mouraria, que depois mandou montar em burros, e gravemente, melancolicamente, posto na frente, sobre um grande cavalo branco, com um imenso chicote, conduziu aos altos da Graça, para saudar a aprição do Sol! (248)

Matias conduz as mulheres à colina onde fica a Igreja da Braça, num acto simbólico que deverá reconciliar sua natureza dividida. Mas o gesto fracassa. Nas palavras do narrador, "todo este alarido não lhe dissipou a dor". Também não o ajudou a estabelecer uma relação normal com Elisa.

Freud também fala das condições subconscientes que determinam a escolha da amada. A condição mais importante exige a presença de um par-

tipicante ofendido. Em outras palavras, o homem edipal requer uma mulher que já pertença a outro homem. A mulher substituída a mãe, e o partícipe ofendido representa o pai. É evidente que Matos Miranda é um modelo paterno. O narrador fala da vida resguardada de Elisa "por imposição paterna do marido" e, em outro lugar, menciona o "regime paterno do Matos Miranda". Torres Nogueira também representa a figura do pai, mas ao contrário de Matos Miranda que a velhice elimina como ameaça, Torres Nogueira exemplifica o pai novo e viril, rival pelo afecto da mãe. É também o ideal que o filho tenta imitar. Estas fantasias da subconsciência explicam o sofrimento de José Matias durante os anos do segundo casamento de Elisa. Ele compreende que não pode competir com Torres Nogueira, o homem completo que oferece a Elisa o elemento sexual do amor que ele não lhe pode dar. Torres Nogueira força José Matias a dar-se conta de sua insuficiência, e a confrontação com essa realidade o devasta. Ele se vê, como devia ser, em Torres Nogueira. Realmente os dois homens só se diferenciam em que Matias é loiro e Torres Nogueira é moreno, um recurso literário bem convencional que Eça emprega frequentemente nas suas obras para contrastar o predomínio de aspectos físicos ou espirituais nas personagens. Do resto, Matias e Torres Nogueira são reflexos um do outro em tudo, tanto em carácter como em posição social.

A última condição do amor descrito por Freud requer que a mulher seja desacreditada sexualmente de alguma maneira. Pode ser uma prostituta ou simplesmente uma mulher casada e um tanto frívola. Este aparente paradoxo de uma mãe-substituída que é moralmente impecável e também maculada reflecte a descoberta pela criança da sexualidade adulta e da cumplicidade da mãe no acto. O resultado é uma dicotomia na imagem que a criança tem da mãe e que logo perturbará as relações do homem com outras mulheres. Elisa é, claramente, a figura composta da mãe. Ela simboliza a "madona virginal", a inacessível divindade do altar, durante os dez anos de matrimónio com Matos Miranda. Esta época representa o primeiro conceito da mãe como a imagem da pureza. Com seu casamento com Torres Nogueira, porém, Elisa comete um acto de infidelidade que a deixa desacreditada sexualmente, ou profanada. Depois, ela confirma sua nova identidade como mulher licenciosa ao aceitar um amante. Esta nova relação, porém, não atormenta José Matias apesar de que desta vez a ligação é ilícita e, portanto, de significado mais sensual. É precisamente a existência do aspecto predominantemente físico que explica a segunda mudança na atitude de Matias. Ao passo que Torres Nogueira era igualmente rival e ideal inatingível — a quinta-essência do homem integral que José Matias não é —, o Apontador de Obras Públicas representa o lado exclusivamente físico do amor. Nem tem nome particular. O amante é, como Matias, incapaz de cumprir todos os aspectos do papel masculino. Ele representa o lado suprimido

de Matias, seu alter-ego físico. Os dois não competem; complementam-se. O gesto do amante no cemitério expressa homenagem, mas também simboliza o encontro e a integração, por fim, da alma e do corpo polarizados quando, ironicamente, a união já não pode ter lugar.

Apesar de "José Matias" exemplificar um caso quase clinicamente perfeito de impotência psíquica, nada deve a Freud. Não se pode falar de nenhuma influência freudiana porque Freud não publicou nada sobre o problema até duas décadas depois de aparecer o conto português. "José Matias é a criação de Eça de Queiroz — uma criação altamente original e de aguda percepção psicológica, embora provavelmente represente uma projecção da subconsciência do autor e não uma percepção consciente. Já sabemos que a literatura freqüentemente serve de depósito para motivos e impulsos que o ser humano não quer ou não pode confrontar abertamente na vida verdadeira. "José Matias" é, antes de nada, uma obra literária na qual Eça emprega com maestria todos os recursos mais característicos de sua arte estética e narrativa — linguagem viva e espirituosa, acerto nos traços descritivos, a originalidade imaginativa das personagens e da intriga, e o fino humor que dá o tom tão especial à composição. Possui, porém, valores para além dos puramente literários ou técnicos. Por meio da elaboração de uma história singular de amor cortês no século XIX, Eça consegue expor os diversos aspectos recônditos de uma aberração psicológica ainda não reconhecida nem estudada pelos especialistas médicos da época. José Matias é, de facto, um "doente", como afirma o narrador, mas sua enfermidade provém da sua incapacidade de oferecer o amor completo que Elisa lhe inspira. Ele não foge das materialidades do casamento mas do terrível pecado que a união física representa para ele. Vive e morre atormentado por uma natureza enfezada e por uma amor desequilibrado. Não é o amor que o destrói — é a falta de amor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COELHO, Jacinto Prado. "As Idéias e as Formas", *Ocidente*, Vol. XXVIII, No. 95, 40-43, maio 1946.
- EÇA DE QUEIROZ, José Maria. *Contos*. Porto, Lello & Irmão, s.d. 298 p.
- FERRO, Túlio Ramires. "O Conceito de Civilização nos 'Contos' de Eça de Queiroz", *Estrada Larga*, 1, Porto, Porto Editora, s.d. 597 p.
- FREUD, Sigmund. — *On Creativity and the Unconscious*. New York, Harper, 1958. 310 p.
- MARTINS, António Coimbra. "Eça e Eça", *Bulletin des Etudes Portugaises*. Lisboa, Nou-

velle Série No. 5, Vol. XXVIII-XXXX, 287-325, 1967.

ROUGEMONT, Denis de. *Love in the Western World*. Trad. Montgomery Belgion. New York. Pantheon, 1956. 336 p.

SIMÕES, João Gaspar. *Eça de Queiroz: o Homem e o Artista*. Lisboa/Rio de Janeiro, Dois Mundos, 1946. 668 p.

INFORME BIOGRÁFICO

Consuelo M. Loureiro, doutora pela City University of New York (1974) com a tese "Eça de Queiroz e o Conto Moderno em Portugal", exerce a função de professora de Português e Espanhol na Miami University (Oxford, Ohio, E.U.A.). Publicou no número 24 da revista *Letras* "O Último dos Mohicanos e O Guarani: Duas Visões Paralelas do Novo Mundo" e no número 502, 1.º de maio de 1976 do Suplemento Literário de Minas Gerais "Graciliano Ramos e o Tempo Psíquico". Aguarda publicação seu trabalho "A Moralidade e a Mulher Vicentina" na revista *Língua e Literatura* da Universidade de São Paulo.